

SÉRIE ANTROPOLOGIA
ISSN 1980-9867

407

**A FORTIFICAÇÃO PREVENTIVA E A
URBANIDADE COMO PERIGO**

Cristina Patriota de Moura
Brasília, 2006

Universidade de Brasília
Departamento de Antropologia
Brasília
2006

Série Antropologia é editada pelo Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, desde 1972. Visa a publicação de artigos, ensaios e notas de pesquisas no campo da Antropologia Social. A partir de 1990 tem publicado cerca de 20 números por ano.

ISSN Formato Impresso: 1980-9859

ISSN Formato Eletrônico: 1980-9867

1. Antropologia 2. Série I. Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília

Solicita-se permuta.

Série Antropologia Vol. 407, Brasília: DAN/UnB, 2006.



Universidade de Brasília

Reitor: Timothy Martin Mulholland

Diretora do Instituto de Ciências Sociais : Lourdes Maria Bandeira

Chefe do Departamento de Antropologia: Lia Zanotta Machado

Coordenador da Pós-Graduação em Antropologia: Paul Elliott Little

Coordenadora da Graduação em Ciências Sociais: Kelly Cristiane da Silva

Conselho Editorial:

Lia Zanotta Machado

Paul Elliott Little

Kelly Cristiane da Silva

Editora Assistente:

Marcela Stockler Coelho de Souza

Editores Impressa e Eletrônica:

Rosa Venina Macêdo Cordeiro

EDITORIAL

A Série Antropologia foi criada em 1972 pela área de Antropologia do então Departamento de Ciências Sociais da Universidade de Brasília, passando, em 1986, a responsabilidade ao recente Departamento de Antropologia. A publicação de ensaios teóricos, artigos e notas de pesquisa na Série Antropologia tem se mantido crescente. A partir dos anos noventa, são cerca de vinte os números publicados anualmente.

A divulgação e a permuta junto a Bibliotecas Universitárias nacionais e estrangeiras e a pesquisadores garantem uma ampla circulação nacional e internacional. A Série Antropologia é enviada regularmente a mais de 50 Bibliotecas Universitárias brasileiras e a mais de 40 Bibliotecas Universitárias em distintos países como Estados Unidos, Argentina, México, Colômbia, Reino Unido, Canadá, Japão, Suécia, Chile, Alemanha, Espanha, Venezuela, Portugal, França, Costa Rica, Cabo Verde e Guiné-Bissau.

A principal característica da Série Antropologia é a capacidade de divulgar com extrema agilidade a produção de pesquisa dos professores do departamento, incluindo ainda a produção de discentes, às quais cada vez mais se agrega a produção de professores visitantes nacionais e estrangeiros. A Série permite e incentiva a republicação dos seus artigos.

Em 2003, visando maior agilidade no seu acesso, face à procura crescente, o Departamento disponibiliza os números da Série em formato eletrônico no site www.unb.br/ics/dan.

Ao finalizar o ano de 2006, no momento da publicação do mais recente número, o volume 407, o Departamento decide pela formalização de seu Conselho Editorial, de uma Editoria Assistente e da Editoração eletrônica e impressa, objetivando garantir não somente a continuidade da qualidade da Série Antropologia como uma maior abertura para a inclusão da produção de pesquisadores de outras instituições nacionais e internacionais, e a ampliação e dinamização da permuta entre a Série e outros periódicos e bibliotecas.

Cada número da Série é dedicado a um só artigo ou ensaio. Se o primeiro Número da Série Antropologia teve a autoria do saudoso colega Roberto Cardoso de Oliveira, que é um dos pioneiros responsáveis pela institucionalização da pós-graduação na UNB, este número que inaugura a formalização de um Conselho Editorial e de uma equipe de editoria e de editoração, tem a autoria de professora recentemente contratada pelo Departamento de Antropologia: Cristina Patriota de Moura, num contínuo desenvolver do espaço institucional da UnB e de sua contribuição para a Antropologia. Estão todos convidados para a leitura deste número que inaugura uma nova fase.

Pelo Conselho Editorial:
Lia Zanotta Machado

SUMÁRIO

Título: A Fortificação Preventiva e a Urbanidade como Perigo

Resumo:

A proliferação de sistemas de vigilância e de arranjos espaciais que cristalizam padrões de segregação residencial nas áreas metropolitanas é um fenômeno que vem sendo observado globalmente. Enquanto, principalmente nos EUA, a “fortificação” vem sendo imputada a uma “cultura do medo” que tem pouca equivalência com “reais” probabilidades de ataques a residências, nas cidades latino-americanas esse fenômeno vem sendo interpretado como uma consequência direta do aumento da violência urbana. O presente artigo problematiza essa matriz interpretativa apresentando um caso de “fortificação preventiva”, a partir de pesquisa etnográfica em condomínios horizontais em Goiânia.

Palavras-chave: cultura do medo, violência urbana, condomínios horizontais, segurança privada

Title: Preventive Fortification and Urban Danger

Abstract:

The proliferation of surveillance systems and spatial arrangements which crystallize patterns of residential segregation in metropolitan areas is a phenomenon that can be observed throughout the globe. While, mainly in the USA, fortification has been explained as part of a “culture of fear” that has little equivalence with “real” probabilities of residential attacks, in Latin-American cities this phenomenon has been interpreted as a direct consequence of the increase in urban violence. The present article addresses this interpretive matrix by presenting a case of “preventive fortification” in Brazil, based on ethnographic research in gated communities in Goiânia.

Key words: culture of fear, urban violence, gated communities, private security

A Fortificação Preventiva e a Urbanidade como Perigo¹

Cristina Patriota de Moura

Termos como insegurança, violência, medo, risco e perigo fazem parte de um domínio semântico que tem sido empregado de forma crescente para descrever a vida urbana. Estudos em todos os continentes identificam processos de crescente segregação espacial e tensões sociais que elegem os espaços urbanos como palco de batalha. Se, por um lado, podemos identificar processos de reapropriação valorativa dos espaços públicos das chamadas cidades globais, essa ressignificação vem acompanhada de regulamentações e instrumentos de vigilância que pretendem inserir a previsibilidade e disciplinar o uso de espaços através da exclusão de usos espontâneos de espaços das cidades.

Crescem também os espaços públicos privatizados em forma de parques, *shopping centers*, complexos empresariais e bairros residenciais fechados, em grande parte com emprego de sofisticadas tecnologias de vigilância. Os chamados “enclaves fortificados” (Caldeira, 2000) se apresentam talvez de forma mais ostensiva e perceptível em cidades com altos índices de desigualdades sócio-econômicas como os grandes centros urbanos brasileiros, que vêm se tornando casos-limite referidos na literatura internacional. Enquanto elites e parte das camadas médias compram espaços semi-públicos purificados e vigiados, grande parte das populações urbanas se vê privada de usufruir os bens e serviços que a cidade tem a oferecer. Alguns se organizam em movimentos sociais e instituições da sociedade civil, mas outros partem cada vez mais para atos de agressão que contestam a organização social sem se constituírem em grupos reivindicatórios que utilizam os trâmites políticos legais. Notícias da “guerra urbana” entre policiais e integrantes do PCC em São Paulo são tão significativas como cenas do filme *Cidade de Deus*, que popularizou internacionalmente o termo “favela” em um misto de imagem exótica de barbárie e espaço “cult” que atrai turistas com formação em ciências sociais a fazerem passeios guiados por favelas cariocas (Zeiderman, 2006).

O Brasil passa a ser então o país da violência urbana e dos enclaves fortificados onde os membros das “elites alienadas” se encastelam em ilhas da fantasia onde podem se inocular dos perigos e impurezas do caos urbano tido como incontrollável. A cidade que, de acordo com as utopias modernas, deveria ser o espaço do correto exercício da cidadania e do florescimento da civilidade, dá então lugar ao campo de batalha, do qual aqueles que podem escolhem se retirar ou se servir de forma seletiva. (Caldeira, 2000; Holston, 1999)

Mas os enclaves fortificados não proliferam somente no Brasil ou mesmo nos Estados Unidos – outro caso-limite invocado em estudos urbanos (Caldeira, 2000;

¹ Texto apresentado na 25ª Reunião Brasileira de Antropologia, Goiânia, 2006.

Davis, 1990; Harvey, 1992; Blakely e Snider, 1997). Aparatos de vigilância e condomínios fechados proliferam nas mais diversas partes do globo e têm, como justificativas, anseios, medos e sonhos de bem-viver que se alimentam de ideopaisagens (Appadurai, 1991) desencaixadas (Giddens, 1991) que são remontadas em híbridos globais (Ong e Collier, 2005) que se espacializam e produzem a própria realidade que pretendem negar.

Termos como “cultura do medo” têm a vantagem de apontar para processos simbólicos e formas de apreensão da realidade que não são simplesmente conseqüências diretas de “fatos” concretos. Análises da “cultura do medo” nos Estados Unidos, como a de Barry Glasner (2003), apontam para uma incongruência entre riscos estatisticamente calculáveis e imaginários compartilhados pelo senso comum, mesmo tendo em vista as ansiedades geradas pela arbitrariedade e imprevisibilidade de atos de graves conseqüências como ataques terroristas. Por outro lado, trabalhos que se referem a uma “cultura do medo” no Brasil tendem a concordar que, se diversos tipos de ansiedades sociais encontram uma coerência discursiva em narrativas sobre a violência urbana, por exemplo, não há como negar a existência real desta violência e o aumento dos riscos, sendo estas percepções de perigo medidas em termos de probabilidades. (Eckert e Carvalho da Rocha, 2005; Soares, 1995)

Uma importante dimensão da construção social do medo no tocante às transformações dos espaços urbanos brasileiros tem sido trabalhada a partir de narrativas de vitimização, tomando a organização discursiva de experiências vividas e intervenções sobre espaços construídos como medidas táticas, no sentido dado por De Certeau (1994), para reorganizar vidas previamente dilaceradas por episódios traumáticos. Trabalhos como o de Teresa Caldeira em São Paulo e Cornélia Eckert em Porto Alegre demonstram como a adoção de estéticas e tecnologias de segurança restabelecem a ordem através do espaço, em resposta a uma desorganização ocorrida no tempo.

A proliferação de medidas de controle do espaço, aliada à circulação cada vez maior de narrativas de violência, certamente faz parte dessa cultura do medo. Não obstante, se trabalharmos somente tendo como base as narrativas sobre experiências vividas pelos sujeitos de enunciação, continuamos envoltos na própria lógica interna da chamada “cultura do medo”, que vê a proliferação de narrativas sobre casos de violência e a adoção de intervenções espaciais profiláticas como medidas *necessárias* em face à *realidade* do *perigo*. O desafio para a análise antropológica é justamente sair da lógica interna do discurso do medo, efetuando o clássico “estranhamento”. Mas nesse caso será possível fugir à circularidade do conhecimento apontada por Giddens? Sabemos que termos como “necessidade”, “realidade” e “perigo” são socialmente construídos mas, por outro lado, inserimo-nos, como atores e membros de comunidades científicas, na configuração cultural moderno-ocidental que vê o cálculo de probabilidades como informativo de necessidades baseadas em fatos. Assim, agimos de acordo com informações dadas por peritos que, cada vez mais, fazem parte de um mercado que cria necessidades através de percepções de perigo.

De fato, o mercado aparece preenchendo o espaço vazio deixado pelas instituições públicas e civis, criando também novas formas de associação baseadas na confiança fabricada por peritos devidamente treinados². Daí a proliferação de espaços

² “Essa expansão do mercado de consumo, da indústria da segurança e de especialistas engendra a necessidade de estratégias de segurança consideradas lógicas ao enfrentamento dos riscos e remete às noções propostas por Giddens de ‘construção da reflexividade’ (Giddens, 1991:43) e por Beck de

“com segurança” mesmo em contextos onde a relação entre medidas profiláticas e narrativas de experiências traumáticas não é tão direta. A propaganda, como produtora de significados, também atua como produtora de inseguranças a serem sanadas por medidas de segurança. O sentimento de insegurança e as medidas profiláticas são muitas vezes comprados simultaneamente, em uma criação constante de necessidades própria do espírito do consumismo moderno tão bem caracterizado por Colin Campbell (1995).

É interessante, neste sentido, contrastarmos dois enunciados proferidos por peritos envolvidos na produção dos “espaços purificados” que são os condomínios horizontais em Goiânia:

1. *Eu gosto muito de fazer uma análise comparativa, eu brinco muito o seguinte, olha no dia que puder fazer igual fez no muro de Berlim eu sou o primeiro a ir na frente para derrubar esse muro. Eu brinco. porque não é legal, não é bonito. Inclusive no Alto dos Lagos não chama tanta atenção porque é uma área grande, a vegetação muito rica, então aquele muro não é um elemento assim tão chocante. Mas nós temos uma série de outros condomínios em que o muro é chocante mesmo. Então é ruim. Agora, é necessário? É um mal necessário. Momentaneamente. Se daqui a uns dez anos, quinze anos, vinte anos, houver uma reviravolta, se o Estado como instituição tiver competência para poder reorganizar todo o esquema de segurança e essa insegurança que existe hoje desaparecer, não tenha dúvida que eu vou lá ajudar a derrubar o muro. Porque é uma questão momentânea, eu não tenho dúvida quanto a isso. (Arquiteto que trabalhou para o Estado durante décadas e realizou projetos urbanísticos de diversos condomínios horizontais, a partir da década de 1990)*
2. *A gente parte do princípio que bandido não acaba, bandido migra. Então deixa a gente mudar um pouquinho o foco pra responder essa pergunta que você tá fazendo. Nos anos oitenta bandido assaltava banco porque era lucrativo assaltar banco. O quê que o banco fez? Colocou porta giratória, aumentou o número de vigilantes, colocou menos dinheiro nos bancos, monitorou com alarme, ficou difícil pro bandido. Ai ele passou a assaltar cargas, porque havia caminhões levando milhões e o caminhão sozinho. O que passou a acontecer? As empresas colocaram rastreador de carga, escolta armada, diminuíram a quantidade de cargas transportadas, colocaram num comboio pra evitar que aquele bandido fizesse isso? O quê que aconteceu? Esse bandido tá migrando. O quê que tá acontecendo no Rio, em São Paulo e em algumas outras cidades? São esses bandidos que estão fazendo os seqüestros relâmpagos, estão atentando contra a vida das pessoas. E o quê que mostra essa experiência? Mostra que se você dificulta pro bandido ele vai onde está mais fácil, o bandido é bandido porque não gosta de trabalho, se não ele seria um trabalhador honesto, fazendo essa brincadeira mas só parafraseando. Se você demonstra que existe um aparato complexo e complicado pra ser burlado por que que o bandido vai ali se é muito mais fácil e lucrativo ele ir em outro local que está mais protegido? Ou seja (...) não é mais barato a gente trabalhar na prevenção,*

‘modernização reflexiva’, em que a seleção individual por uma ação protetora objetiva minimizar o perigo, demonstrando, assim, a recomposição de uma confiança pela mediação do mercado em detrimento da credibilidade nas instituições públicas e civis” (Eckert e Carvalho da Rocha, 2005:14)

montando uma estrutura complexa de segurança pra prevenir o crime do que uma estrutura frágil que quando o crime ocorra a gente vá pensar na estrutura complexa?(Dono de empresa de segurança privada responsável pelos aparatos de vigilância na maioria dos condomínios de Goiânia e Presidente da Associação dos Condomínios Horizontais do Brasil)

Se no primeiro enunciado os muros e o aparato de segurança privada são vistos como potencialmente momentâneos e preenchendo um vazio deixado pelo Estado, o segundo perito não prevê possibilidade alguma de reversão da “necessidade” pelos produtos que este mesmo comercializa. Este segundo perito, que se encontra frequentemente em situações de interação face-a-face em reuniões de associações de moradores, opera processos de reencaixe (Giddens, 1991) através da utilização de argumentos baseados em sistemas abstratos e apela para imaginários igualmente abstratos. Ele postula, por exemplo, um “bandido universal” que existe independentemente das circunstâncias sociais e do qual as pessoas precisam se proteger, fala da violência de outras cidades e mostra como Goiânia será a próxima atingida, ou como os condomínios serão os próximos em uma linha que vai de roubos a bancos a roubos de cargas de caminhões, passando por seqüestros relâmpago. Invocando uma série de situações violentas, ele também mostra a eficácia de seus “seguranças” em “agir conforme a necessidade”.

Discussões em reuniões das associações de moradores, nos dois condomínios em que se concentrou a pesquisa³, a respeito de quem deve ter acesso aos condomínios incluem representações sobre perigo e contágio dignos das reflexões de Dumont (1992) e Mary Douglas (1976). A segurança, apontada em reportagens e mesmo por moradores, funcionários municipais e *empreendedores* como a principal causa da existência de condomínios horizontais parece, sim, ser uma preocupação constante dos moradores. O desejo de morar em uma casa, no entanto, se sobrepõe à necessidade de segurança por si só, haja visto que a maioria provém de apartamentos e não teve experiências com assaltos domésticos. Viver entre muros pode ser mais um reflexo da vontade de aparecer do que da vontade de se esconder (Moura, 2003c). Se os muros construídos ao redor das casas de bairros abertos de São Paulo, analisados por Teresa Caldeira (Caldeira, 2000), aprisionam seus moradores, os muros do Alto dos Lagos os libertam de possíveis presenças indesejáveis e não produzem a mesma sensação de enclausuramento, já que eles podem circular livremente entre quem interessa e suas casas permanecem abertas. A respeito da preocupação com segurança, vejamos as considerações de um morador:

Então quando se fala assim, o condomínio fechado é um gueto que se criou, etc, de certa forma é mesmo. É um gueto. Agora, um gueto por opção da população. Porque quando você pega, se você andar aqui em Goiânia, Brasília não é tão significativo mas se você andar em outras cidades do Brasil e aqui em Goiânia você vai ver que os guetos são individualizados. (...) Então esses muros, quê que é? É uma busca de proteção. Aquela proteção que, é claro, é uma coisa que a gente discute isso muito, não só no Alto, mas em outros lugares. Essa segurança que é claro que quando o sujeito quer assaltar, quer roubar, o cara rouba o Banco do Brasil. Agora, é uma

³ Foi realizada pesquisa de campo etnográfica em dois condomínios vizinhos da cidade de Goiânia, um sendo um local extremamente elitizado e o outro abrigando membros das camadas médias mais modestas (Moura, 2003a, 2003b, 2003c)

segurança muito mais para se prevenir contra o ladrãozinho do que propriamente contra o ladrão inteligente que tá a fim mesmo de programar um assalto.

Para quem não mora no condomínio, os muros perimetrais às vezes provocam sensações de incômodo e a entrada, mesmo autorizada, pode ser desagradável e muitas vezes constrangedora. A portaria é a passagem para dentro dos muros. No caso do Alto dos Lagos são muros de três metros de altura com fios eletrificados em cima. Há duas portarias, ambas equipadas de câmeras, cancelas, computadores com nomes e fotografias das pessoas autorizadas (ou não) a entrar e pelo menos dois seguranças armados. Minha primeira impressão marcante do condomínio foi justamente a arma que um segurança exibia. Mas os muros não são percebidos como agentes de clausura pelos moradores dos condomínios, ao contrário das grades e sistemas de vigilância adotados em prédios e casas particulares nos bairros “abertos” das cidades.

É Zigmund Baumann (2003) quem aponta para o fato de que os guetos voluntários pretendem servir à causa da liberdade. A palavra *liberdade* é das palavras que mais ouvi no período em que vivi no Campo Alegre. A idéia de liberdade aparece relacionada à criação dos filhos em um ambiente com menos constrangimentos do que em um prédio de apartamentos, por exemplo. Menciona-se, principalmente, a “abertura” dos espaços ao ar livre. Essa *liberdade*, no entanto, só é possível por causa dos muros e *seguranças*. Em uma assembléia de condomínio, por exemplo, grande parte da discussão girou em torno dos riscos de haver estabelecimentos comerciais dentro e fora dos muros e um pai foi bem enfático em salientar que não permitiria que seu filho de 12 anos comprasse pão “lá fora”.

Se a *liberdade* só é possível dentro de certos limites de *segurança*, o sentimento de segurança está em oposição direta a outro sentimento, o de *insegurança*. Essa *insegurança*, por sua vez, está ligada à noção de *risco* que se refere, pelo menos a primeira vista, a uma concepção de que o mundo fora dos muros é perigoso e violento⁴.

De fato, a violência é a primeira justificativa para a existência de condomínios fechados. No caso dos condomínios de Goiânia, no entanto, a violência aparece mais como uma possibilidade a ser evitada do que uma realidade a ser combatida. Goiânia não é vista pelos moradores dos condomínios em questão como uma cidade especialmente violenta, mas a violência existente em outras cidades é constantemente lembrada e vista como algo que está se alastrando. Os muros dos condomínios, no entanto, são vistos como necessários na medida em que são uma medida preventiva em relação à violência que “está chegando”. Vejamos, por exemplo, as palavras do mesmo perito citado acima, dono da empresa de segurança responsável pelo monitoramento da maioria dos condomínios horizontais de Goiânia, em artigo escrito para a Revista da ASCONH:

“Quando o assunto é seqüestro, Goiás ainda ocupa uma posição privilegiada se pensarmos, por exemplo, em São Paulo, onde mais de 200 pessoas (umas ricas, outras nem tanto) foram seqüestradas no ano passado. Aqui, até agora os órgãos públicos têm resolvido com sucesso todos os casos. Porém, um outro dado assusta muito. A Organização das Nações Unidas divulgou em 2001 que, mantendo-se o atual panorama

⁴ É Roberts (2002) quem aponta para a compreensão técnica do binômio segurança / violência, ao entrevistar moradores e pessoas que trabalham em empresas de segurança em São Carlos: “O binômio segurança – violência é entendido como questão meramente técnica a ser enfrentada com a adoção de tecnologia e equipamentos cada vez mais sofisticados”.

mundial, nos próximos 10 anos as duas cidades mais violentas do mundo serão Manila (capital das Filipinas) e Brasília, onde a crescente favelização é a grande preocupação para a segurança das cidades vizinhas, incluindo-se Anápolis e Goiânia”⁵

É interessante notar que se São Paulo aparece como um exemplo de cidade violenta, Brasília aparece como uma ameaça à “segurança das cidades vizinhas”. Goiânia, para o perito, é uma das cidades ameaçadas. O texto acima é parte de um artigo assinado, escrito em março de 2002, onde a foto do perito aparece ao lado de suas credenciais: “Diretor de integração da ASCONH, Consultor de Segurança membro da American Society for Industrial Security (ASIS) e Diretor do Grupo Tecnoseg”. Mais um especialista envolvido na criação dos condomínios horizontais, Ivan me repetiu a mesma comparação e os dados do relatório da ONU em entrevista gravada em março de 2003, um ano depois. Vejamos um trecho da entrevista”:

Cristina: Nesses anos de condomínio, qual foi a situação mais complicada com a qual vocês tiveram que lidar?

Ivan: O mais sério que nós já tivemos foram dois casos. O pessoal pulou o muro do Marbella, o segurança pegou ele próximo do muro, colocou o giroflex do carro em cima dele e a luz alta em cima dele e o cara atirou pro rumo do segurança. O segurança atirou no portão que havia na época, que hoje não existe mais, tem muitos anos, no portão do condomínio onde o cara tinha pulado pra mostrar também que tava armado e a segurança já tava toda cercando o cara. Ai ele pulou de volta, foi embora, quer dizer, ele viu que havia reação então ele se evadiu, não teve problema. O outro caso foi no Alto dos Lagos a um ano e meio atrás quando arremessaram um rapaz pra dentro do condomínio. O que aconteceu foi que o alarme disparou e nosso segurança chegou lá, prendeu o cara, o invasor que tinha entrado e ele não parecia estar ou ser normal e quando foi inquirido ele disse que os amigos dele jogaram ele pra dentro do condomínio pra ver o que acontecia e os amigos dele ficaram do lado de fora. Nós fizemos uma batida com a polícia do lado de fora, não localizamos porque eles devem ter corrido e ido embora, mas nós prendemos o rapaz. Levamos pra delegacia no Guanabara, o pessoal do Guanabara falou que aquele rapaz tem problemas mentais realmente e que ele não é em tese perigoso, a delegacia já conhecia ele de longa data. Então esses foram os dois maiores problemas que nós tivemos até hoje mas nos dois casos a segurança esteve presente e pôde reagir conforme a necessidade.

Se, por um lado, a “cultura do medo” se alimenta de narrativas e fluxos de informações em escalas que em muito transcendem as experiências locais imediatas, outro aspecto do discurso envolve narrativas a respeito de “outros” cujos sistemas de segurança são exemplares. O mesmo episódio narrado pelo perito ganha contornos heróicos e quase mágicos em versões narradas por habitantes de outro condomínio mais modesto, o Campo Alegre, que se define em relação ao rico vizinho Alto dos Lagos.

Nos dezoito meses em que vivi com minha família no Campo Alegre, foram diversas as narrativas de ‘perigo’ e “segurança” a que tive acesso, a maioria sem envolver experiências traumáticas vividas pelos próprios sujeitos de enunciado. Pude presenciar a mobilização de vizinhos e seguranças em torno da “invasão”⁶ do

⁵ Filho, Ivan Hermano “Não seja presa fácil” in *Revista dos Condomínios Horizontais*, março de 2002, Ano 1 – nº 4.

⁶ Na ocasião parte do condomínio ainda estava em obras e não havia sido entregue e, apesar dos sistemas de identificação da portaria estarem em vigor, os fundos do condomínio ainda não estavam murados.

condomínio por um homem de cerca de trinta anos, vestindo roupas surradas como as dos pedreiros que trabalhavam na construção das casas, às cinco horas da tarde. Ele circulou pelas ruas internas e supostamente furtou um ou dois reais que estavam no painel de um carro aberto. Logo a segurança foi acionada, retendo o “indivíduo” até que a polícia chegasse à entrada do condomínio. O episódio, de poucas conseqüências para as pessoas lesadas, provocou inúmeros comentários a respeito da fragilidade do condomínio, principalmente em face à presumida eficiência da segurança do Alto dos Lagos. Foi então que ouvi a narrativa acerca do rapaz que foi arremessado para dentro do Alto. A versão foi a seguinte: um rapaz com problemas mentais foi arremessado para dentro do condomínio porque seus amigos o desafiaram dizendo que ele não teria coragem e para provar a coragem aceitou que eles o jogassem para dentro. A segurança do Alto dos Lagos, por sua vez, foi tão eficiente que quando o rapaz atravessou o muro ele caiu nos braços de um dos guardas que fazia plantão naquela área junto ao muro. Esse acontecimento, que ficou sendo de amplo conhecimento entre os moradores do Campo Alegre, era usado para comparar a “fragilidade” de nossa situação frente à “força” do Alto dos Lagos, visto como tendo um esquema de segurança infalível e serviços perfeitos.

Assim como todo rito de passagem ou rito de instituição, para usar o termo de Bourdieu (1982), delimita uma identidade, a linha de demarcação é o que permite atribuir a uns uma nova identidade e deixar os “outros” de fora. A identificação e classificação de todos que entram no condomínio, portanto, passa a ser tão ou mais importante que os próprios muros para manter a “segurança” dos “moradores”. Essa segurança não é somente a segurança física que estaria ameaçada frente à grande violência existente nas cidades atuais mas sim a “segurança” da manutenção do próprio *status* “diferenciado” adquirido na compra de um imóvel em um condomínio horizontal. A manutenção desse *status* passa a ser, então, um fim em si mesmo, sendo o “perigo” a perda do mesmo. A falta de clareza classificatória passa, portanto, a ser extremamente perigosa, e a única maneira de assegurar essa clareza é a atribuição de identidades distintas a pessoas que, por passarem a portar tais identidades, passam a ser (aparentemente) facilmente mapeáveis.

Se, para alguns, morar num condomínio é um sinal de ascensão social, para outros o condomínio é um refúgio em um mundo onde não é mais possível identificar quem é quem. O maior perigo, então, passa a ser a indistinção ou, nos termos utilizados por um morador vindo do Rio de Janeiro, a “mistura”, responsável por toda a “desordem” do mundo atual. É claro que os estudos de Mary Douglas (1976, 1992) gritam aos ouvidos de uma antropóloga que se depara com essa situação: o perigo é o inclassificável, ou melhor, o inclassificado⁷ e o próprio ato de classificar também propicia “segurança”. Esse binômio segurança/insegurança, relacionado à localização social em termos de *status* aparece em outros estudos sobre condomínios fechados no Brasil e *gated communities* nos Estados Unidos (Silva, 2003; Roberts, 2002; Caldeira, 2000; Low, 2003; Macedo, 2002, Blakely e Snider, 1997).

No Brasil, o “desmapeamento” tem sido estudado tanto em relação aos padrões familiares e subjetividades individuais (Figueira e Velho, 1981) como também relacionado ao aumento da violência urbana. Onde antes existia um sistema hierárquico predominante que regulava as relações entre pessoas ocupando posições diferentes em

⁷ É interessante também atentar para a palavra “desclassificado” na língua portuguesa que, segundo o dicionário Aurélio designa “aquele que é indigno de consideração social”.

nossa sociedade, agora há uma proliferação de ideologias individualistas que nem sempre propõem uma convivência pacífica entre os diferentes e nem prevêm meios legais de superação das diferenças. Velho, por exemplo, nos diz que “a ausência de um sistema de reciprocidade, minimamente eficaz, se expressa em uma desigualdade associada e produtora de violência” (Velho, 1996: 19). Essa visão é compartilhada por Alba Zaluar (1996), por exemplo, que mostra, em estudos nas favelas cariocas, a substituição de antigos sistemas de reciprocidade por uma lógica de armas imposta pelo narcotráfico internacional.

O muro perimetral e a obrigação de identificação de todos que passam por ele também podem ser vistos como parte desse processo que está relacionado ao aumento da violência urbana. Não obstante, é preciso tomar cuidado ao relacionar os muros à violência como se um fosse apenas uma reação ao outro. Por vários motivos. Em primeiro lugar, morar em um condomínio fechado com seguranças armados não é somente uma reação à violência. O comentário de um morador de que “precisamos tratar bem os seguranças mesmo porque eles estão armados” indica que a possibilidade de violência física de um “segurança” contra um “morador” é uma possibilidade conhecida. A presença de guardas armados não significa uma diminuição da violência. Talvez signifique um direcionamento da violência para “quem merece”, ou seja, os “marginais”. Sintomático, por exemplo, foi o comentário de um ex-morador do Rio de Janeiro que, em uma reunião de condomínio, dizia ter ido para Goiânia fugindo da violência e que, quando Goiânia começasse a ficar tão ruim quanto o Rio (o que era apenas uma questão de tempo), iria para outra cidade e assim por diante. Ao mesmo tempo dizia que a única solução para o Rio de Janeiro era “cercar tudo e matar muito”. Outros moradores concordaram. A violência controlada, dentro do “cerco”, passa então a ser a solução para a violência descontrolada que está “por aí” e que também está chegando. Essa visão parece ser bastante compartilhada e está em sintonia com a declaração do diretor da empresa de segurança que diz que “bandido não acaba, migra” e com as comparações constantes que os moradores fazem com cidades tidas como especialmente violentas como o Rio de Janeiro, São Paulo ou Brasília. É como se todos estivessem ou fugindo da violência que viram de perto em outras cidades ou se preparando para a chegada da violência em Goiânia. Mas a resposta ao risco da violência não é a ausência dela e sim uma forma controlada e conhecida de agir violentamente.

Assim, por exemplo, o fato de uma criança que invadiu a casa de vizinhos estar “quase deformada de tanto apanhar” não causa espanto pela violência. Muito pelo contrário, purifica os responsáveis pela criança que, já tendo batido, não têm mais nada a fazer para corrigi-la. O fato de ser de conhecimento geral que algumas mulheres “apanham” também não faz com que as pessoas sintam que vivem em um ambiente violento, apesar de algumas mulheres terem um certo medo de um senhor que agride a esposa e fica bebendo cerveja no jardim fazendo insinuações para transeuntes do gênero feminino. A afirmação do responsável pela segurança de grande parte dos condomínios de Goiânia, de que 90% dos problemas são de dentro dos condomínios, também não parece assustar essas pessoas.

Tendo isso em mente, é importante ver a violência não como a causa da existência dos condomínios horizontais mas como uma linguagem simplificadora que localiza medos difusos. É o que diz Tereza Caldeira ao falar sobre a proliferação de muros e dos sistemas de identificação na cidade de São Paulo.

“Com menos sinais óbvios de diferenciação à mão e com mais dificuldade em afirmar seus privilégios e códigos de comportamento no espaço público, as classes mais altas se voltam aos sistemas de identificação. Assim, espaços de circulação controlada (como os *shopping centers*) servem para assegurar que a distinção e a separação ainda são possíveis em público. Sinais de distância social são substituídos por muros concretos.” (Caldeira, 2000: 325)

Setha Low, em pesquisa realizada com moradores de *gated communities* nos Estados Unidos, também vai pela mesma linha. Apesar de dizer que em São Paulo e na cidade do México os muros “fazem sentido”, ela diz que o medo do crime pode ser uma forma de expressar outros medos, medos esses que têm a ver com mudanças de composição étnica das populações das grandes cidades, por exemplo, mas também medos de não conseguir manter uma identidade de *middle class*, o que se traduziria no que ela chama de *status anxiety*. Os muros, então, propiciariam a criação de “espaços purificados”.

“O fechamento com muros e cercas exacerba essa tendência a monitorar e preocupar-se com intrusos “marcados” através da criação de um tipo de “espaço puro” para os residentes. Quanto mais “purificado” o ambiente – mais homogêneo e controlado – maior a habilidade de seus residentes para identificar quaisquer indivíduos desviantes que não deveriam estar lá (...) Espaços puros expõem diferenças e têm fronteiras claras que facilitam o policiamento. Eles são característicos dos subúrbios norte-americanos, onde consciência de fronteiras é parte da sociedade estabelecida. O fechamento só torna as fronteiras mais salientes”⁸ (Low, 2003: 143)

Acredito que a visão de que o muro seja um fator de acirramento de desigualdades sociais pré-existentes é uma leitura superficial e simplificadora dos processos sociais que envolvem a proliferação de condomínios horizontais no Brasil. É claro que muros cercando bairros inteiros impedem a livre circulação de pessoas “de fora” dentro desses espaços e uma das conseqüências para a sociedade como um todo pode ser a exacerbação das diferenças.

O medo está bastante presente entre os moradores do Campo Alegre, do Alto dos Lagos, dos condomínios existentes em outras partes do Brasil e das *gated communities* dos Estados Unidos. Se tecnologias de vigilância, enclausuramento e repressão armada são as formas mais visíveis de defesa utilizadas para lidar com esse medo, vimos também que a invasão, o roubo ou a violência praticada por pessoas de fora do condomínio são somente parte dos fatores relacionados ao medo. As fofocas, os comentários de moradores a respeito do condomínio e do “outro mundo” fora dos muros evidenciam, além do medo da perda de *status* do próprio condomínio, o medo de um mundo desconhecido, onde não se pode mais confiar nas pessoas ou saber quem elas são. Esse mundo desconhecido e perigoso é definido em oposição a um passado vivido seja em uma cidade do interior de Goiás, Minas Gerais ou Tocantins, seja em uma cidade grande como o Rio de Janeiro ou São Paulo, seja na própria Goiânia de um

⁸ “Gating exacerbates this tendency to monitor and be concerned about “marked” intruders by creating a kind of “pure space” for residents. The more “purified” the environment – the more homogeneous and controlled – the greater residents’ ability to identify any deviant individuals who should not be there. (...) Pure spaces expose differences and have clear boundaries that facilitate policing. They are characteristic of the North American suburb, where boundary consciousness is part of mainstream society. Gating only makes the boundaries more salient.”

tempo em que “todos se conheciam”. Está relacionado a mudanças vividas pelos sujeitos que escolhem os novos “paraísos” onde acreditam que todos serão dignos de respeito e confiança e que seus filhos crescerão em um ambiente seguro e feliz.

BIBLIOGRAFIA

- APPADURAI, Adjurn (1991) "Global Ethnoscapes: notes and queries for a transnational anthropology" in Fox, Richard (org.) *Recapturing Anthropology*. Santa Fe: SAR Press.
- ATKINSON, Rowland And Blandy, Sara (2005) "Introduction: International Perspectives on The New Enclavism and The Rise of Gated Communities" In *Housing Studies. Vol 20, No.2. March 2005*.
- BAUMAN, Zigmunt (2003) *Comunidade. A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BAUMGARTNER, Mary P. (1988) *The Moral Order of a Suburb*. New York: Oxford University Press.
- BLAKELY, Edward J. & Mary Gail Snyder (1997) *Fortress America: Gated Communities in the United States*. Washington D.C./Cambridge Mass.: Brookings Institutions Press/Lincoln Institute of Land Policy.
- CAMPBELL, Colin [1987] (1995) *The Romantic Ethic and the Spirit of Modern Consumerism*. Cambridge: Blackwell.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio (2000) *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34/EdUSP.
- CITY & SOCIETY*, Vol.16 Issue 2. 2004
- DAVIS, Mike (1990) *City of Quartz. Excavating the Future in Los Angeles*. London: Verso.
- DE CERTEAU (1994) *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fezer*. Petrópolis: Vozes.
- DOUGLAS, Mary (1976) *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva.
- _____ (1992) *Risk and Blame. Essays in Cultural Theory*. New York: Routledge.
- DOUGLAS, Mary e WILDAVSKY, Aaron (1983) *Risk and Culture*. Berkeley: University of California Press.
- DUMONT, Louis (1992) *Homo Hierarchicus, O sistema de castas e suas implicações*. São Paulo: Edusp.
- ECKERT, Cornélia e CARVALHO DA ROCHA, Ana Luiza (2005) "A Cidade e o Medo como Drama Social". Mimeo
- FIGUEIRA, Sérvulo e Gilberto Velho (orgs) (1981) *Família, Psicologia e Sociedade*. Rio de Janeiro: Campus.
- FOUCAULT, Michel [1975] (1996) *Vigiar e Punir. História da Violência nas Prisões*. Petrópolis, R.J.: Editora Vozes.
- GIDDENS, Anthony (1991) *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: Editora Unesp.
- GLASSNER, Barry (2003) [1999] *Cultura do Medo*. São Paulo W11 Editores Ltda.
- HARVEY, David (1992) *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Edições Loyola.
- HOLSTON, James (Org) (1999) *Cities and Citizenship*. Durkam and London: Duke University Press.
- LOW, Setha M. [2000] (2003) "The Edge and the Center: Gated communities and the discourse of Urban Fear". In LOW, Setha e LAWRENCE-ZÚNIGA, Denise (orgs) (2003) *The Anthropology of Space and Place*. Blackwell Publishing Company.

- _____ (2003) *Behind the Gates. Life, security and the pursuit of happiness in fortress America*. New York: Routledge.
- MACEDO, José Eduardo Ribeiro (2002) *Condomínios Horizontais Fechados: desqualificadores do espaço público? O caso de Goiânia*. Goiânia: UFG, FCHF. Dissertação de Mestrado em Sociologia.
- MARCUSE, Peter & Ronald Van Kempen (orgs) (2000) *Globalizing Cities. A new spatial order?* Oxford: Blackwell Publishers.
- MOURA, Cristina Patriota de (2003a) “Gates and Open Spaces: new arrangements in Brazil”
- MOURA, Cristina Patriota de (2003b) *Ilhas Urbanas: novas visões do paraíso. Uma discussão etnográfica dos condomínios horizontais*. PhD Dissertation. Museu Nacional/ Federal University of Rio de Janeiro.
- _____ (2003c) “Vivendo entre Muros: o sonho da Aldeia” in Velho, Gilberto e Kushnir, Karina (2003) *Pesquisas Urbanas. Desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar.
- ONG, Aihwa e COLLIER, Stephen J. (2005) *Global Assemblages. Technology, Politics and Ethics as Anthropological Problems*. Blackwell Publishing Ltd.
- ROBERTS, Ana Mércia Silva (2002) *Cidadania Interditada: um Estudo de Condomínios Horizontais Fechados.(São Carlos – SP)* Campinas: Unicamp. Tese de Doutorado.
- SASSEN, SASKIA (1991) *The Global City*. Princeton: Princeton University Press.
- SILVA, Rosana Fernandes da (2003) *Condomínios Horizontais Fechados em Goiânia. Um caso: Prive Atlântico*. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Sociologia. Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, UFG.
- VELHO, Gilberto [1973] (1989) *A Utopia Urbana: um estudo de antropologia social*. Rio de Janeiro, Zahar.
- _____ [1974] (1999) “Estigma e comportamento desviante em Copacabana” in *Desvio e Divergência. Uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____ [1975] (1998) *Nobres & Anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia*. Rio de Janeiro, Ed. da Fundação Getulio Vargas.
- _____ [1981] (1997) *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro, Zahar.
- _____ (1994) *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- _____ (1996) “Violência, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica” in VELHO, Gilberto e ALVITO, Marcos (orgs.) (1996). *Cidadania e Violência*. Rio de Janeiro, UFRJ/Ed. da Fundação Getulio Vargas.
- _____ (org.) (1999) *Antropologia Urbana. Cultura e Sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____ (2002) *Mudança, Crise e Violência. Política e cultura no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- WEBSTER, Chris (2001) “Gated Cities of Tomorrow” in *Town Planning Review* 72(2).
- _____ (2002) “Property rights and the public realm. Gates, green belts and gemeinschaft. *Environment and Plannig B: Planning and Design* 29(3).

- ZALUAR, Alba (1996) “A globalização do crime e os limites da explicação local” in VELHO, Gilberto e ALVITO, Marcos (orgs.) *Cidadania e Violência*. Rio de Janeiro, UFRJ/Ed. da Fundação Getulio Vargas
- ZEIDERMAN, Austin (2006) “The Fetish and the Favela: notes on tourism, the favela, and the cultural politics of space in Rio de Janeiro”. Paper apresentado na Conferência *The Right to the City and the Politics of Space*. University of California, Berkeley.

SÉRIE ANTROPOLOGIA
Últimos títulos publicados

398. PEIRANO, Mariza G.S. Temas ou teorias? O estudo das nações de ritual e de performance. 2006.
399. RIBEIRO, Gustavo Lins. O Mestiço no Armário e o Triângulo Negro no Atlântico. Para um Multiculturalismo Híbrido. 2006.
400. SEGATO, Rita Laura. O Édipo Brasileiro: A Dupla Negação de Gênero e Raça. 2006.
401. SEGATO, Rita Laura. Qué es un Femicidio. Notas para un debate emergente. 2006.
402. CARVALHO, José Jorge de. La Diáspora Africana en Iberoamerica. Dinámicas Culturales y Políticas Públicas. 2006.
403. ALVAREZ, Gabriel O. Pós-dradiviano: parentesco e ritual. Sistema de parentesco e rituais de afinabilidade entre os Sateré-Mawé. 2006.
404. SEGATO, Rita Laura. Racismo, Discriminación y Acciones Afirmativas: Herramientas Conceptuales. 2006.
405. CARVALHO, José Jorge de. As culturas afro-americanas na Ibero-América: o negociável e o inegociável. 2006.
406. CARVALHO, José Jorge de. Uma visão antropológica do esoterismo e uma visão esotérica da Antropologia. 2006.
407. MOURA, Cristina Patriota de. A Fortificação Preventiva e a Urbanidade como Perigo. 2006.

A lista completa dos títulos publicados pela Série Antropologia pode ser solicitada pelos interessados à Secretaria do:

Departamento de Antropologia

Instituto de Ciências Sociais

Universidade de Brasília

70910-900 – Brasília, DF

Fone: (061) 348-2368

Fone/Fax: (061) 273-3264/307-3006

E-mail: dan@unb.br

A Série Antropologia encontra-se disponibilizada em arquivo pdf no link: www.unb.br/ics/dan